



Recebido em: 16/02/2023

Aprovado em: 19/06/2023

Publicado em: 24/07/2023

NIETZSCHE: superação da metafísica**NIETZSCHE: overcoming metaphysics****NIETZSCHE: superado de metafiziko**André Walllas da Silva Sousa⁴⁰**Resumo**

Neste artigo tentaremos demonstrar que Nietzsche inscreve-se no horizonte de uma crítica radical à tradição metafísica que afirma a existência de verdades eternas e que o homem deve buscar o além-de-mundo. Para isso, ele nos oferece uma proposta hermenêutica que desenvolve o perspectivismo e o método genealógico. Nietzsche ao argumentar que Deus está morto nos oferece boas razões para não crermos em verdades eternas que em nada afirmam a vida. Ele evidencia seu modo de filosofar histórico que demonstra que mundo é humano demasiado humano e para o homem viver é necessário um critério que se impõe por si mesmo. Tal critério é a vida, o sentido da vida não deve ser buscado em valores metafísicos, mas na própria vida que está acima de qualquer moralidade e verdades metafísicas.

Palavras-chave: Filosofia. Perspectivismo. Metafísica. Linguagem e vida.

Abstract

In this article we demonstrate that Nietzsche falls within the horizon of a radical criticizes the metaphysical tradition that affirms the existence of eternal truths and that the man should get the addition-of-world. For this, he offers us a proposal that develops the hermeneutical perspectivism and the pedigree method. Nietzsche to argue that God is dead gives us good reason to not we believe in eternal truths that nothing in state life. He shows how history of philosophy shows that world is too human and human to human living must be a criterion that imposes itself. This criterion is the life, the meaning of life should not be sought in metaphysical values, but in life itself to be above any moral and metaphysical truths.

⁴⁰ Graduado em Licenciatura Plena na Universidade Federal do Piauí (2006), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (2011), Doutorando em Filosofia na Universidade de Brasília (2022-). Professor de Filosofia na Seduc - PI (2004-2006) e (2008-2016), Professor de Filosofia na Faculdade CET (2012-2014), Professor de filosofia na Faculdade Maurício de Nassau (2014-2016), Professor na Faculdade Ademar Rosado (2014-2016), Professor tutor na Universidade Aberta-Universidade Federal do Piauí (2010-2016). Atualmente, Professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA, Campus Coelho Neto. Chefe do Departamento de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação do IFMA, Campus Coelho Neto (2019-2023). Coordenador do Projeto intitulado Fábrica de Inovação do IFMA, Campus Coelho Neto (desde de 2020). Líder do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação, Filosofia e Humanidades do IFMA, Campus Coelho Neto. Atua na área de filosofia com ênfase em Ética, filosofia política e filosofia da tecnologia. E-mail: andre.walllas@ifma.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

Key-words: Philosophy. Perspectivism. Metaphysics. Language and life.

Resumo

En tiu ĉi artikolo oni provos elmontri, ke Nietzsche enskribiĝas en la horizonto de radikala kritiko al tiu metafizika tradicio kiu asertas ekziston de eternaj veroj per kiuj devas homo traserĉi la trans-mondon. Por tio, li ofertas al ni hermeneŭtikan proponon kiu disvolvigas perspektivismon kaj genealogian metodon. Nietzsche, pere de argumentado laŭ kiu Dio estas mortinta, ofertas bonajn kialojn por ke oni ne kredu je ĉiamaj veroj kiuj neniel asertas la vivon. Li evidentigas sian historian manieron filozofiadi, kiu elmontras ke la mondo estas homa, ege homa kaj por ke homo vivi estas necese kriterio kiu per si mem impozas sin. Tiu kriterio estas vivo, la senco pri la vivo ne devas esti serĉita en metafizikaj valoroj, sed en la vivo mem, kiu estas supre de ajna moraleco kaj metafizikaj veroj.

Ŝlosilvortoj: Filozofio. Perspektivismo. Metafiziko. Lingvaĵo kaj vivo.

O pensamento de Nietzsche propõe-se fazer uma crítica à metafísica. Para isso, ele parte de uma proposta hermenêutica que desenvolve o perspectivismo e o método genealógico. Esses dois conceitos emergem do privilégio que Nietzsche dá a Vida, ou seja, priorizando o corpo sobre o espírito; e finalmente a recusa da ideia de verdade. Com isso, o pensamento nietzschiano nos aponta à vocação dos filósofos tradicionais em tentar sistematizar a realidade em grandes sistemas metafísicos com o intuito de alcançar “a verdade”.

Nesta trilha, Nietzsche exige a desconstrução de todas as categorias fundamentais da metafísica, pois que “requer um método de análise da origem e da história dos valores, assim como de suas configurações culturais; este método é a genealogia da vontade de poder” (MELO SOBRINHO, 2004. p. 06). Com isso, Nietzsche é contra a busca da “Verdade” e da sistematização da filosofia. Este ponto parece-nos esclarecido por Giacoia Júnior:

A vocação dos filósofos para os grandes sistemas é uma violentação da verdade, para encerrá-la, com toda segurança, nas invencíveis fortalezas dogmáticas que para ela construíram, aqueles majestosos castelos metafísicos, a que hoje damos o nome de sistema. (GIACÓIA JUNIOR, 2002. p. 13)

Nietzsche surge numa tradição metafísica que assegura a separação do pensamento e do ser e a impossibilidade de o pensamento alcançar o ser “em-si”. Com isso, na busca por decifrar o “em-si” os filósofos das tradições socráticos-platônicos-judaicos-cristãs tentaram sistematizar toda a vida. Para Nietzsche, os filósofos desta



tradição permaneceram no sono dogmático, porque os seus castelos metafísicos se encontram fundamentado numa:

[...] superstição popular de um tempo imemorial (como a superstição da alma, que, como superstição do sujeito e do eu, ainda hoje causa danos), talvez algum jogo de palavras, alguma sedução por parte da gramática, ou temerária generalização de fatos muitos estreitos, muitos pessoais, demasiado humanos. (NIETZSCHE, 1998. p. 07)

Neste sentido, os filósofos enquanto dogmáticos creem que seja possível ter acesso “à verdade objetiva, à estrutura ontológica da “realidade”, uma vez que o intelecto se desembarace dos condicionamentos subjetivos, de natureza psicológica e antropológica” (GIACÓIA JUNIOR, 2002. p. 14) em que estamos enraizados pela nossa condição humana. Com isso, o ato do conhecimento é separado dos impulsos, das paixões e das forças da sensibilidade a fim de buscar a afirmação da ideia do espírito puro.

Assim, Nietzsche argumenta que o pior, mais persistente e perigoso dos erros até hoje foi o erro dos dogmáticos: “a invenção platônica do puro espírito e do bem em si” (NIETZSCHE, 1998. p. 08). Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche enfatiza o defeito hereditário dos filósofos: “Todos os filósofos têm em comum o defeito de partir do homem atual e acreditar que, analisando-o, alcançam seu objetivo. Involuntariamente imaginam “o homem” como uma *aeterna veritas* [verdade eterna], como uma constante em todo o redemoinho, uma medida segura das coisas”. (NIETZSCHE, 2007a. p. 16, § 2.)

Para acordar desse sono dogmático, Nietzsche desenvolve o conceito de perspectivismo, que afirma que o homem tem perspectivas de interpretação da vida. O perspectivismo é o modo como o homem interpreta o mundo em sua fluidez, em suas pulsões infinitas. Dogmatismo filosófico se agrava quando perde de sentido histórico da vida. Vida é “essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação”. (NIETZSCHE, 1998 § 259). Com efeito, tais filósofos não aprenderam que o homem veio a ser e que mesmo a faculdade de cognição veio a ser.

Para Nietzsche, o homem é um animal que mede; e o seu olhar é e sempre será um juízo; contudo, o seu erro originário foi acreditar que para cada coisa



particularmente deveria haver apenas um conceito que a definiria enquanto tal, na medida em que a coisa era tida como possuindo uma existência em si, própria, una, idêntica, essencial e eterna. (NIETZSCHE, 2005. p.27 § 18). Com isso, Nietzsche quer afirmar que a realidade tem um caráter móvel, dinâmico, incessantemente em mudança, o que acarreta uma modificação na compreensão fixa e definitiva da realidade partilhada pela tradição que ele crítica. Podemos perceber que há uma estreita relação entre a realidade e a vida, como podemos apreender no seguinte trecho:

Quanto ao atomismo materialista, está entre as coisas mais bem refutadas que existem. [...] Graças, antes de tudo, ao polonês Boscovich, que foi até agora, juntamente com o polonês Copérnico, o maior e mais vitorioso adversário da evidência. Pois enquanto Copérnico nos persuadiu a crer, contrariamente a todos os sentidos, que a terra não está parada, Boscovich nos ensinou a abjurar a crença na última parte da terra que permanecia firme, a crença na ‘substância’, na ‘matéria’, nesse resíduo e partícula da terra – [...] essa crença deve ser eliminada da ciência! (NIETZSCHE, 2004. I).

Com efeito, a realidade do mundo não é una, eterna, mas temporal, múltipla e o múltiplo é o ser do homem porque possui uma pluralidade de impulsos e instintos, cada um com sua perspectiva própria e em luta constante entre si. Tais impulsos levam o homem para várias experiências no mundo.

O ser é devir porque sempre está em constantes mudanças, ou seja, sempre está por-vir. Este sentido do ser como devir significa dizer que o mundo e o homem estão em permanente “processo”. Esse devir do ser é infinito. Desse modo, a ontologia nietzschiana combate a ontologia “estática”. Os argumentos de Nietzsche são contrários aos da razão do “platonismo”. Nietzsche contrapõe o uno com a “perspectiva” do múltiplo, isto é, a pluralidade do ser em suas manifestações, que possuem diversas perspectivas (múltiplas) mediante as quais o homem aborda o mundo. Na verdade, o perspectivismo nietzschiano procura eliminar as noções de “verdade absoluta, destrói todas as certezas imediatas, rompe enfim com a dicotomia metafísica constitutiva do mundo aparente do mundo verdadeiro”. (MELO SOBRINHO, 2004, p 11).

Nietzsche opõe-se também a Kant apontando que este havia anteposto limites ao conhecimento e afirmado a impossibilidade de conhecermos a “coisa-em-si”, considerando como válido ou verdadeiro somente um ponto de vista, a saber, o da razão. Nietzsche afirma que toda existência é interpretativa, ou seja, o mundo em sua



infinidade nos oferece condições de termos uma infinidade de interpretações acerca dele. Com isso, “o mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações”. (NIETZSCHE, 2009, p. 278 § 374).

Nietzsche, por meio do perspectivismo, espera que os homens entendam que o mundo é fluidez infinita e que as perspectivas são os modos como nós compreendemos o mundo em suas infinitas interpretações e seus infinitos graus de aparência. Temos uma infinidade de interpretações do mundo e isto só é possível porque o perspectivismo nietzschiano está intimamente ligado à vida. Com efeito, Nietzsche não recusa a objetividade científica, “desde que seja compreendida como interpretações, neste caso como esquema de formulação e simplificação, com objetivo a comunicação e o cálculo”. (GIACOIA JUNIOR, 2002. p. 38).

Deste modo, Nietzsche liga os limites do pensamento ao campo dos sentidos, interpretações e pulsões da vida, ou seja, o mundo nos oferece uma infinidade de interpretações e nós mesmos temos várias possibilidades de apreensão da realidade em seus diversos graus de aparência. Com efeito, agora não podemos mais aceitar os conceitos metafísicos da “coisa-em-si”, “sujeito-em-si”, “*cogito*” e até mesmo a ideia de que os valores são entidades ontológicas. Para Nietzsche, os conceitos metafísicos são contradições:

A *causa sui* [causa de si mesmo] é a maior autocontradição até agora imaginada, uma espécie de violentação e desnatureza lógica: mas o extravagante orgulho do homem conseguiu se enredar, de maneira profunda e terrível, precisamente nesse absurdo. (NIETZSCHE, 1998. p. 26 § 21).

Para Nietzsche, a metafísica é uma criação humana hipotética, fruto das paixões e erro na tentativa de alcançarmos a verdade em sua certeza absoluta e definitiva da realidade. O procedimento metafísico é fundamentado em entidades ontológicas que servem para alcançar “verdades” e explicar o mundo fenomênico; a explicação do mundo dos fenômenos só é possível por meio do mundo metafísico. Com efeito, a crítica nietzschiana à metafísica direciona-se aos conceitos incondicionados, aos erros da razão e ao desejo de alcançar verdades eternas. Nietzsche, em *Humano, demasiado*



humano, expressa o percurso de erro da tradição filosófica, desde os gregos até a modernidade. Explica-nos:

Em quase todos os pontos, os problemas filosóficos são novamente formulados tal como dois mil anos atrás: como pode algo se originar do seu oposto, por exemplo, o racional do irracional, o sensível do morto, o lógico do ilógico, a contemplação desinteressada do desejo cobiçoso, a vida para o próximo do egoísmo, a verdade dos erros? Até o momento, a filosofia metafísica superou essa dificuldade negando a gênese de um a partir do outro, e supondo para as coisas de mais alto valor uma origem miraculosa, diretamente do âmagô e da essência da ‘coisa em si’. Já a filosofia histórica, que não se pode mais conceber como distinta da ciência natural, o mais novo dos métodos filosóficos, constatou, em certos casos (e provavelmente chegará ao mesmo resultado em todos eles), que não há opostos, salvo no exagero habitual da concepção popular ou metafísica, e que na base desta concepção está um erro da razão. (NIETZSCHE, 2007a, p. 15 § 1)

Nietzsche critica os metafísicos de forma feroz porque eles perderam a noção de devir e de que a realidade possui um caráter histórico. A tradição filosófica é uma adoradora das ideias do Ser e da Verdade, mas, ao mesmo tempo, desconsidera o caráter perspectivista do mundo, no qual todo olhar humano é um juízo e todo juízo é uma avaliação. Os metafísicos apoiados na “razão” tentaram desenvolver verdades absolutas, “mas tudo que até hoje tornou para eles *valiosas, pavorosas, prazerosas* as suposições metafísicas, tudo o que as criou, é paixão, erro e auto-ilusão; foram os piores, e não os melhores métodos cognitivos, que ensinaram a acreditar nelas”. (NIETZSCHE, 2007a, p. 19 § 9). Com efeito, os metafísicos separam conhecimento da vida pensando como se “o conhecimento aprendesse seu objeto puro e nu, como ‘coisa-em-si’, e nem de parte do sujeito nem de parte do objeto ocorresse uma falsificação”. (NIETZSCHE, 1998, p. 22 § 16).

Para Nietzsche, todas as categorias metafísicas são erros que se originam na linguagem porque somos levados a crer em certezas imediatas, conhecimento absoluto e na coisa-em-si, mas essa crença é apenas uma contradição no adjetivo e nós “deveríamos nos livrar, de uma vez por todas, da sedução das palavras!” (NIETZSCHE, 1998, p. 22 § 16). Com isso, “toda dogmatização em filosofia, não importando o ar solene e definitivo que tenha apresentado, não tenha sido que uma nobre infantilidade e coisa de iniciantes”. (NIETZSCHE, 1998, p. 7, prólogo).



Assim, os inventores da linguagem construíram dois mundos (o aparente e o metafísico) e passavam a explicar um por meio do outro, pois haviam alcançado um terreno firme o suficiente para determinar verdades eternas. Com isso, não perceberam que suas afirmações eram somente interpretação do mundo e que há somente um mundo, a saber, o mundo humanamente humano. Assim enfatiza Nietzsche em *Humano, demasiado humano*:

A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar o seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergue acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com as palavras o supremo saber sobre as coisas. (NIETZSCHE, 2007a, p. 20-21 § 11)

A história da metafísica constitui uma história de erro, erro do mundo verdadeiro por tê-lo tornado fábula, por não conseguir explicar as “suas verdades” e pela impossibilidade de se conhecer a “coisa-em-si”. Para Nietzsche, o mundo metafísico é somente um ser-outro, um para nós inacessível, incompreensível ser-outro. Mesmo que seja comprovada a existência de tal, não é um conhecimento significativo porque afirma o dualismo dos mundos, e mais, separa a coisa-em-si da interpretação e das impulsões humanas. Com efeito, a separação que os metafísicos realizam significa a afirmação do dualismo fenômeno e coisa-em-si; por outro lado, determina que o único organizado suficiente e firme para construirmos verdades eternas é o mundo metafísico que representa as ideias de Ser, Verdade e coisa-em-si. Como afirma Nietzsche:

Logo que a religião, a arte e a moral tiveram sua gênese descrita de maneira tal que possam ser inteiramente explicadas, sem que se recorra à hipótese de *intervenções metafísicas* no início e no curso do trajeto, acabará o mais forte interesse no problema puramente teórico da “coisa em si” e do “fenômeno”. Pois, seja como for, com a religião, a arte e a moral não tocamos a “essência do mundo em si”; estamos no domínio da representação, nenhuma “intuição” pode nos levar adiante (NIETZSCHE, 2007a, p. 20, § 10).



Os metafísicos abordam o mundo fenomênico em função do mundo metafísico, no qual este determina a aparência daquele (o mundo fenomênico) por meio da fixação de um ser idêntico a si mesmo, ou seja, o mundo fenomênico é fixado em “uma determinada configuração para depois explicá-la na condição de um ser que se oculta atrás desta aparência, um ser idêntico a si mesmo, uma coisa em si” (MELO SOBRINHO, p. 23). Para Nietzsche, tais pressupostos metafísicos são falhos porque “na medida em que toda a metafísica se ocupou principalmente da substância e da liberdade do querer, podemos designá-la como a ciência que trata dos erros fundamentais do homem, mas como se fossem verdades fundamentais”. (NIETZSCHE, 2007a, p. 18 § 28).

Nietzsche afirma repetidas vezes que os metafísicos perderam o sentido histórico na medida em que afirmam que temos verdades eternas e que por trás de toda aparência há o em-si que a explica. Deste modo, a metafísica “se baseia no fato de se tratar o homem dos últimos quatro milênios como um ser *eterno*, (...) Mas tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas. – Portanto, o *filosofar histórico* é doravante necessário, e com ele a virtude da modéstia”. (NIETZSCHE, 2007a, p. 16 § 2).

Com a metafísica, os filósofos criam uma série de noções que representam a antítese à vida: “Deus”, “em-si”, “além-de-mundo verdadeiro”, “alma”, “espírito puro”. Todas estas noções são nocivas, venenosas, caluniadoras à vida, feitas para desvalorizar o único mundo que existe. Na verdade, nós temos perspectivas de compreensão do mundo, sendo que uns são melhores do que as outras porque afirmam a vida. Assim, Nietzsche busca nos acordar do sono dogmático afirmando:

Que a crença em “certezas imediatas” é uma ingenuidade moral, que nos honra, a nós, filósofos: mas devemos ser homens “apenas morais” [...] pois eu mesmo aprendi há muito a pensar de outro modo [...] Não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência; é inclusive a suposição mais mal demonstrada que já houve. Admita-se ao menos o seguinte: não existiria nenhuma vida, senão com base em avaliações e aparência perspectivas. (NIETZSCHE, 1998, p. 41, § 34).

Em “A *gaia ciência*”, especificamente no parágrafo 344, podemos perceber dois problemas: primeiro, os efeitos metafísicos na ciência que afirma a postulação de um



outro mundo. Segundo, a vontade de verdade. Sobre os efeitos metafísicos na ciência Nietzsche enfatiza que nossa “fé na ciência, *afirma um outro mundo* que não o da vida, da natureza e da história; e na medida em que afirma esse ‘outro mundo’, não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, *nosso mundo?*” (NIETZSCHE, 2009, p. 236, § 344). E acrescenta, no final do texto, que a pressuposição presente na afirmação de outro mundo é a devoção à metafísica:

A nossa fé na ciência repousa ainda numa crença metafísica – que também nós, que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina [...] (NIETZSCHE, 2009, p. 236, § 344).

Assim, as concepções tradicionais da metafísica e do conhecimento procuram um terreno firme para construir suas verdades eternas desconsiderando o caráter histórico do devir da realidade. O mundo dos metafísicos é mundo de verdades que negam a vida e buscam compreender a vida por meio de conceito. Com efeito, a vida se tornara incompreensível e desprezível.

Nietzsche nos apresenta questão da vontade de verdade. A verdade é tão necessária que é a condição para existência de tudo, ou seja, todas as outras questões são secundárias em relação a ela. O que é a vontade de verdade? Por que a vontade de verdade é tida como necessária? O que desejamos quando procuramos a verdade? (NIETZSCHE, 2009, p. 236, § 344). Nietzsche inicia o problema da vontade de verdade com uma argumentação reflexiva propondo dois problemas: “o problema do valor da verdade apresentou-se à nossa frente – ou fomos nós a nos apresentar diante dele?” (NIETZSCHE, 1998, § 1). Assim, inicialmente, os filósofos se questionaram pela causa da verdade (numa postura metafísica), posteriormente, a consciência filosófica se pergunta pelo valor da verdade, ou seja, a verdade enquanto, valor qual é o valor dela? Isso levará executarmos método genealógico para qual é valor da verdade e a destruição das entidades fixadas.

Muitos filósofos entendiam a verdade como algo dado natural, com uma certeza absoluta e fixa. Nietzsche se propõe a mudar esta evidência: por que queremos sempre a verdade e não a não-verdade? Será que preferindo a “verdade” estamos escolhendo o



“real” ao erro, ilusão? Tais questionamentos remetem a uma avaliação do valor da verdade. A vontade de verdade pressupõe uma instância de avaliação para sabermos qual é o seu valor. Assim, poderemos compreender os motivos que levam o homem a querer somente a verdade, ele deseja-a porque as consequências agradáveis da verdade, que conservam a vida. Como nos afirma Giacoia Junior: “o valor da verdade é *relativo* à instância de avaliação que a institui como pretensamente incondicional. A verdade é valor em relação à vida, meio de conservação e incremento da vida - mais propriamente, de um tipo de vida, da vida filosófica (teórica ou científica)” (GIACÓIA JUNIOR, 2002. p. 18).

Mas o que é a vontade de verdade? É uma crença na superioridade da verdade e que esta é um valor absoluto. Mas esse, valor é falso porque a verdade condicionada pelos interesses humanos. Como enfatiza Nietzsche no “*Crepúsculo dos Ídolos*”: “A ‘razão’ é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Na medida em que mostram o vir-a-ser, o decorrer, a transformação, os sentidos não mentem... [...]. O mundo ‘aparente’ é o único: o ‘mundo verdadeiro’ é apenas *acrescentado mendazmente*”. (NIETZSCHE, 2009, §2, p. 26). Aqui, podemos perceber duas consequências: o contraste entre a verdade e a mentira e a suposta superioridade da verdade em relação à mentira, criam uma relação de continuidade entre estes valores. Assim, o que qualificamos como enganador e ilusório, a saber, o ‘mundo aparente’ é a única realidade possível de conhecermos por meio dos sentidos. Já o ‘mundo verdadeiro’ tem seu suposto valor superior questionado e suspensos ao serem interpretado como uma ficção e ilusão. Então de onde viria o impulso a verdade?

Nietzsche afirma que o impulso a verdade surge na vontade do homem do viver. Para isso, ele formula um acordo de paz e procura afastar a mais cruel “*guerra de todos contra todos*” ao menos desapareça do mundo. Esse acordo parece ser o primeiro impulso a verdade. Depois, o homem fixa-se naquilo que deve ser a “verdade”, quer dizer, encontra uma designação universalmente aceitável e impositiva das coisas ⁴¹. Então, o impulso por verdade é uma crença na superioridade da verdade sobre mentira que homem deseja alcançar para viver.

⁴¹ Devemos lembra que neste momento aparece pela primeira vez no pensamento de Nietzsche o contraste entre verdade e mentira. O que são as palavras? São reproduções de um estímulo nervoso em sons. Mas a convenção Não reproduz corretamente o “mundo aparente” porque as designações são apenas relações das coisas com os homens e para expressamos utilizamos metáforas. Cf. NIETZSCHE, 2007b, p. 29-33.



A vontade de verdade fundamenta a ciência, pois, não há ciência sem postulado, sem a hipótese de que o verdadeiro é superior ao falso, de que a verdade é superior e melhor do que a ilusão e erro. O problema da vontade de verdade retoma a discussão dos mundos, a saber, o “verdadeiro” e o “aparente” que resulta na afirmação dos valores supremos em detrimento dos instintos, da multiplicidade humana. Então, quais seriam as consequências do fim da metafísica?

Se retrocedermos um pouco no mesmo texto, veremos que o parágrafo 125 nos oferece uma leitura do fim da metafísica. Perguntamo-nos como acontece o fim da metafísica? Quais as consequências do fim da metafísica? Nesse aforismo, Nietzsche desenvolve sua compreensão acerca do pensamento ocidental, como a história do desenvolvimento do pensamento metafísico. Esse aforismo, intitulado “o *homem louco*”, descreve a cena em que esse louco,

Em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: ‘Procuro Deus! Procuro Deus!’? [...] [Não recebendo resposta, o próprio louco esclarece:] Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais. (NIETZSCHE, 2009, p 147, §125).

Justamente, aqui, a metafísica é laço que, segundo o louco, juntava a Terra ao seu Sol. Laço este que, por ter sido desatado, nos faz perceber que estávamos crendo em Verdades eternas e que negam a vida em função de ideias que existem por si mesmas. O mundo aparente é o único que nos resta, e neste há um devir que nos lembra do sono dogmático. Para Nietzsche, no plano do conhecimento, não temos mais nenhum direito a uma verdade-em-si, pois o seu filosofar possui um caráter histórico que desconstrói a noção de verdades eternas que guiam o homem para alcançar um outro mundo (além-de-mundo). Repetidas vezes, o filósofo alemão afirma o homem é um animal que mede e julga, que todo ato de conhecer nasce no devir e, portanto, temos uma infinidade de interpretações do mundo aparente. Para saber quais perspectivas são válidas, Nietzsche nos oferece critérios de avaliação, a saber, a vida é o referencial absoluto, na medida em que o valor da vida não pode ser apreciado. Como bem ressalta Marton,

Fazer qualquer apreciação passar pelo crivo da vida equivale a



perguntar se contribui para favorecê-la ou obstruí-la; submeter ideias ou atitudes ao exame genealógico é o mesmo que inquirir se são signos de plenitude de vida ou de sua degeneração; avaliar uma avaliação, enfim, significa questionar se é sintoma de vida ascendente ou declinante. (MARTON, 2000, p. 98).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche, com o seu perspectivismo e caráter histórico do devir, busca demonstrar que não temos boas razões para crer em verdades metafísicas, que estas são cristalizadas nas ideias do “espírito puro” e do “bem si”. Com a morte de Deus, Nietzsche desvela o caráter místico e metafísico da realidade e mais, está convencido de que o homem necessita para viver dar sentido à vida e, por isso, a tarefa de sua filosofia é reavaliação dos valores, segundo a qual os homens não deveriam buscar o sentido da vida em valores metafísicos que afirmam verdades eternas e um além-de-mundo, mas na própria vida que afirma que o único mundo que temos é o aparente e, este se constitui em um fluidez infinita de perspectiva de compreensão em seu diversos graus de aparência.

REFERÊNCIAS

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche & Além do bem e do mal**. Col. Passo-a-passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. Friedrich Nietzsche: perspectivismo e superação da metafísica. **Comum** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 5-38, 2004.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra. Um livro para todo e para ninguém**. Tradução de Mario da Silva. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2005.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

NIETZSCHE, F. **Humano demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (a)

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. Organização e Tradução Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007. (b)

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.